

ÊXTASE SEM ECSTASY*

Véra Motta

*A escrita de um evento qualquer
passa a ser real quando se forma
em poesia
(M.C. Paranhos)*

O diálogo Droga/Literatura tem sido fecundo, ao longo da história literária das sociedades, especialmente a partir do início do século XVIII.¹ Nessa breve incursão que aqui pretendemos realizar, procuraremos situar alguns momentos em que este encontro se efetiva, destacando exemplares literários marcados pelo selo da brasilidade.

A Carta de Caminha

O primeiro fio deste imenso novelo a ser desenrolado é um gênero caro aos amantes até o meado do século XX, sob a forma manuscrita e postada, e que se mantém vigoroso em nossos dias nos meios eletrônicos: a carta. Um desses exemplares do gênero epistolar, por sua notoriedade e importância, merece que aí nos detenhamos, por ser o primeiro testemunho presencial de nosso achamento: a Carta de Pero Vaz de Caminha, dirigida ao Rei D. Manuel I, “O Venturoso”.

A par das inúmeras e preciosas descrições, características das narrativas de viagens quatrocentistas e quinhentistas, a Carta tem o mérito e a singularidade de situar o encontro inaugural do europeu com o outro, o nativo americano. Foi a 22 de abril, uma quarta-feira, ao cair da tarde, que a terra se avistou, e logo os olhos europeus reconheceram uns homens,

(...) pardos, todos nus, sem coisa alguma que lhes cobrisse suas
vergonhas. Nas mãos traziam arcos com suas setas. Vinham todos rijos
sobre o batel; e Nicolau

¹ CASTOLDI. *El texto drogado*; dos siglos de droga y literatura (1997).

Coelho lhes fez sinal que pousassem os arcos. E eles os pousaram. Ali não pôde deles haver fala, nem entendimento de proveito, por o mar quebrar na costa.²

Em sua minuciosa reconstituição dos fatos, Caminha relata momentos de verdadeira troca simbólica entre brancos e pardos, em que os gestos falam mais do que as palavras. Num desses momentos, um dos nossos, vendo umas contas de rosário, pediu que lhas dessem, acenando para a terra e de novo para as contas e para o colar de ouro do Capitão, como dizendo que dariam ouro por aquilo: “Isto tomávamos nós assim por assim o desejarmos”.³ Aos primeiros visitantes da nau capitânia, realiza-se a oferta.

Deram-lhes ali de comer: pão e peixe cozido, confeitos, fartéis, mel e figos passados. Não quiseram comer quase nada daquilo; e, se alguma coisa provaram, logo a lançaram fora. Trouxeram-lhes vinho numa taça; mal lhe puseram a boca; não gostaram nada, nem quiseram mais. Trouxeram-lhes a água em uma albarrada. Não beberam. Mal a tomaram na boca, que lavaram, e logo a lançaram fora.⁴

Em passagens subseqüentes, encontramos os sinais de respeito à diferença, em que já não se faz a oferta, posto que o outro a recusa:

E, em querendo o Capitão sair desta nau, chegou Sancho de Tovar com seus dois hóspedes. E por ele ainda não ter comido, puseram-lhe toalhas. Trouxeram-lhe vianda e comeu. Aos hóspedes, sentaram cada um em sua cadeira. E de tudo o que lhes deram comeram mui bem, especialmente lacão cozido, frio, e arroz. Não lhes deram vinho, por Sancho de Tovar dizer que o não bebiam bem.⁵

Num momento posterior, assinala-se um outro procedimento de abordagem, em que a oferta se renova.

E parece-me que viriam, este dia, à praia quatrocentos ou quatrocentos e cinqüenta. Traziam alguns deles arcos e setas, que todos trocaram por carapuças ou por qualquer coisa que lhes davam. Comiam conosco do que lhes dávamos. Bebiam alguns deles vinho; outros o não podiam beber. Mas parece-me, que se lho avezarem, o beberão de boa vontade.⁶

Esta observação última parece-nos preciosa, em vista dos comentários anteriores: à primeira aproximação e oferta do vinho, o outro recusa, despejando-o fora. Numa segunda

² CAMINHA. Carta (1999), p.33-34.

³ CAMINHA. Carta (1999), p.37.

⁴ Fartéis são pastéis folheados; albarrada, jarro de prata para se transportar água. CAMINHA. Carta (1999), p.37.

⁵ Lacão cozido é presunto. CAMINHA. Carta (1999), p.52.

⁶ Avezar equivale a acostumar, habituar. CAMINHA. Carta (1999), p53.

oportunidade, a oferta não se materializa, posto que o sujeito reconhece, na diferença, o modo de ser do outro. Por último, a oferta se atualiza, encontrando, na suposta receptividade do outro, a identidade: desde que se acostumem, a oferta é bem-vinda.

O texto drogado

Esta expressão, nós a encontramos no trabalho de Alberto Castoldi,⁷ em que o autor examina o tema droga na literatura européia dos séculos XIX e XX, adotando um modelo de análise das relações entre intelectuais e drogas em que o marco é a substância eleita num determinado momento pela coletividade, dentro de um contexto social preciso.⁸

O autor realça o caráter de testemunho presente no texto escrito sob os efeitos da droga, dos quais inúmeros exemplos nos chegam até hoje,⁹ e atribui ao discurso literário sobre a droga o caráter de “drogado”, ainda que este se expresse por meio de códigos poéticos.

No século XIX o recurso à droga, no texto literário, marca a escritura no Ocidente, convertendo-se no paradigma do imaginário deste período. No âmbito intelectual, o interesse pela droga é de tal ordem que se pode estabelecer uma correlação estreita entre sonho, droga e loucura.

A dimensão de droga presente nos textos literários, contudo, ultrapassa o ato, seus efeitos e a narrativa, indo mais além de uma fenomenologia, até encontrar o elemento droga em sua função verdadeiramente poética, de elemento de construção, necessário e essencial à arquitetura da poesia.¹⁰

O texto literário *fascina* porque oferece ao leitor uma superfície de formas, de figuras sobre as quais pode o olho percorrer (...), por outro lado *seduz* na medida

⁷ CASTOLDI. *El texto drogado; dos siglos de droga y literatura* (1997).

⁸ Assim, os capítulos se dividem segundo a droga da moda, iniciando-se pelo ópio, e em seguida o haxixe, a morfina, o éter, a cocaína, a mesalina e o LSD.

⁹ De caráter inaugural, mencione-se de passagem DE QUINCEY. *Confissões de um comedor de ópio* (2002).

¹⁰ A propósito, veja-se Projeto de minha autoria, Literatura e drogas: um projeto educacional, apresentado ao Departamento de Educação do Campus I da UNEB, em 1999, em que proponho isolar, na produção lírica do Brasil, o tema *Droga*, visando à elaboração de uma Antologia Poética — *A Lírica no Brasil e A Droga* — como instrumento de abordagem do tema entre professores e alunos do ensino básico e médio.

em que, ao centrar a atenção do leitor em ‘algo’ que *não* lhe mostra, sobre um sentido que sempre se lhe subtrai, o atrai em direção a um vazio que o priva de seu saber e de sua própria identidade.¹¹

A lírica no Brasil e a droga

Na literatura brasileira, a droga faz aparecimento desde os primeiros momentos da literatura nacional, em especial em Gregório de Matos e Guerra (1633-1696),¹² cuja importância reside na parte satírica de sua obra, a primeira que reflete em versos a sociedade da colônia, com o seu mestiçamento, o parasitismo português, os desmandos sexuais e outros males da época.¹³

Selecionamos de sua obra algumas passagens ilustrativas em que as drogas fazem aparecimento, veiculando sua denúncia do corpo social da Bahia. A primeira delas descreve os efeitos do vinho num banquete entre juízas e mordomas. Numa segunda, vemos uma referência ao tabaco e aos efeitos do seu uso.

Sossegada a gritaria
houve Mulata
repolho,
que, o que bebeu por um
olho, pelo outro o desbebia:
mas se chorava, ou se ria,
jamais ninguém
comprendera, senão se vira,
e soubera
pelo vinho despendido,
que se tinha desbebido,
quanto vinho se bebera.

14

Senhor: o vosso tabaco
que muito me
ensoberbeça, se uns
fumos lança à cabeça

¹¹ SERTOLI. La seduzione della letteratura (1984) *apud* CASTOLDI (1997), p.26 (tradução nossa).

¹² Baiano, filho de português e baiana, o escritor ganhou a alcunha de *Boca do Inferno*, por sua propensão à sátira. Ver PRADO COELHO. *Dicionário de Literatura* (1973).

¹³ Ver também BANDEIRA. *Poesia do Brasil* (1963), p.10.

¹⁴ MATOS E GUERRA. *Crônica do Viver Baiano Seiscentista* (1969), p.622-626.

mais divinos, que os de Baco:
e bem, que nunca em meu
caco entra tão rico alimento,
por isso mesmo eu intento
para meu proveito, e pró,
porque me deis desse pó,
mandar-vos este memento.

15

Mas é com a poesia romântica que enche o século XIX que se renovam os temas, o sentimento e o tom na literatura. Em Gonçalves Dias (1823-1864),¹⁶ o sentimento amoroso e o religioso, o gosto pela natureza, o patriotismo e a simpatia pela raça indígena dizimada se equilibram. Um fragmento de poema de inspiração religiosa nos dá a medida da exaltação romântica.

A NOITE
(Fragmentos)

O peito aspira sôfrego ar de vida,
Que da terra não é; qual flor
noturna
Que bebe orvalho, ele se embebe e ensopa
Em êxtasis de amor:
Mais diretas então, mais puras
devem, Calada a natureza, a terra e
os homens, Subir as orações aos
pés do Eterno
Para afagar-lhe o trono!¹⁷

Uma outra face do movimento romântico na literatura brasileira inscreve poetas como Castro Alves (1847-1871),¹⁸ cuja lírica amorosa encontra expressão em versos como os

¹⁵ MATOS E GUERRA. Crônica do Viver Baiano Seiscentista (1969), p.1185.

¹⁶ Ver BANDEIRA. *Poesia do Brasil* (1963), p.92.

¹⁷ GONÇALVES DIAS *apud* BANDEIRA (1963), p.110-113.

¹⁸ Entre os românticos da Escola Condoreira, de inspiração social, Bandeira destaca Castro Alves como o mais dotado, que encontrou na causa da abolição da escravatura negra o principal tema de toda a sua obra. Ver BANDEIRA (1963), p.93-94.

que a seguir transcrevemos, em que o poeta alcança um estado de êxtase graças à aspiração... dos perfumes.

MOCIDADE E MORTE

(Fragmentos) Oh! eu quero viver,

beber perfumes

Na flor silvestre, que embalsama os

ares; Ver minh'alma adejar pelo

infinito,

Qual branca vela n'amplidão dos
mares.¹⁹

Mais reserva nas efusões pessoais e sobriedade nas imagens fazem parte do ideário dos poetas parnasianos, dentre os quais destacamos Raimundo Correia (1859-1911), tido por temperamento melancólico e pessimista, mas cuja emoção transparece grave e concentrada, em formas mais sutis e musicais.²⁰

(...) Também a borboleta,

Mal rompe a ninfa, o estojo abrindo, ávida e

inquieta, As antenas agita, ensaia o vôo, adeja:

O finíssimo pó das asas
espaneja;

Pouco habituada à luz, a luz logo a

embriaga; Bóia do sol na morna e

rutilante vaga;

Em grandes doses bebe o azul; tonta

espairece; No éter; voa em redor, vai e

vem; sobe e desce; Torna a subir e torna a

descer; (...) ²¹

O simbolismo na literatura brasileira, para o qual muito contribuiu Charles Baudelaire (1821-1867),²² com a criação da estética da magia, do sonho e da tradição ocultista,

¹⁹ CASTRO ALVES *apud* BANDEIRA (1963), p.176-179.

²⁰ Ver BANDEIRA (1963), p.199-200.

²¹ CORREIA *apud* BANDEIRA (1963), p.230-231.

²² Ver, a propósito, o Prefácio de Jamil Almansur Haddad a BAUDELAIRE. *As Flores do Mal* (1958), p.5-76.

encontra entre seus mais eminentes representantes Cruz e Sousa (1863-1898), cuja poesia de temática branca tem sido objeto de exaustivas análises.²³

ANTÍFONA (Fragmentos)

Indefiníveis músicas supremas,
Harmonias da Cor e do
Perfume... Horas do Ocaso,
trêmulas, extremas,
Réquiem do Sol que a Dor da Luz resume...

Visões, salmos e cânticos serenos,
Surdinas de órgãos flébeis,
soluçantes... Dormências de
volúpicos venenos
Sutis e suaves, mórbidos, radiantes...²⁴

A trajetória de Manuel Bandeira (1886-1968) é individual e marginal, tendo participado da experiência estética do Simbolismo e do Modernismo. Com *Carnaval* (1919), o poeta recebe seu batismo de fogo,²⁵ conduzindo-se com extraordinária leveza para quem estava marcado pelo presságio da morte.²⁶

BACANAL

(Fragmentos) Quero beber!
cantar asneiras
No esto brutal das bebedeiras
Que tudo emborca e faz em caco...
Evoé Baco!

Se perguntarem: Que mais
queres, Além de versos e
mulheres? ...
— Vinhos! ... o vinho que é o meu fraco!

Evoé
Baco!

²³ Segundo HADDAD, Roger Bastide estudou em *A Poesia Afro-Brasileira* (São Paulo: Martins, s/d.) o processo de branqueamento a que Cruz e Sousa submeteu a sua poesia. Prefácio a BAUDELAIRE. *As Flores do Mal* (1958).

²⁴ CRUZ E SOUSA *apud* BANDEIRA (1963), p.273.

²⁵ BANDEIRA. Itinerário de Pasárgada, p.39-132. In: _____. *Poesia Completa e Prosa* (1967), p.72.

²⁶ Ver a análise de PICCHIO. *História da Literatura Brasileira* (1997), p.491 e s.

A Lira etérea, a grande
Lira!... Por que eu extático
desfira
Em seu louvor versos obscenos.
Evoé Vênus! ²⁷

Em *Libertinagem*, ²⁸ que contém os poemas escritos entre 1924 e 1930, anos de maior força e calor do movimento modernista, transparece a alegria dos companheiros do poeta. Os poemas “Não sei dançar” e “Vou-me embora pra Pasárgada” pertencem a este conjunto.

NÃO SEI DANÇAR (Fragmentos)

Uns tomam éter, outros cocaína.
Eu já tomei tristeza, hoje tomo alegria.
Tenho todos os motivos menos um de ser triste.
Mas o cálculo das probabilidades é uma pilhéria... ²⁹

VOU-ME EMBORA PRA PASÁRGADA

(Fragmentos) Em Pasárgada tem tudo
É outra civilização
Tem um processo
seguro De impedir a
concepção Tem
telefone automático
Tem alcalóide à
vontade Tem
prostitutas bonitas
Para a gente namorar ³⁰

²⁷ BANDEIRA. *Poesia Completa e Prosa* (1967), p.190-191.

²⁸ Conforme situa o poeta, neste livro ele realiza uma afinação poética tanto na forma — verso livre e versos metrificados e rimados — quanto na expressão de suas idéias e sentimentos, com completa liberdade de

movimentos. Ver BANDEIRA. Itinerário de Pasárgada, p.39-132. In: _____. *Poesia Completa e Prosa* (1967), p.84.

²⁹ BANDEIRA. *Poesia Completa e Prosa* (1967), p.243-244.

³⁰ BANDEIRA. *Poesia Completa e Prosa* (1967), p.264-265.

SONHO DE UMA NOITE DE COCA

O SUPLICANTE - Padre Nosso, que estás no céu

[santificado seja o teu nome. Venha a nós o teu reino.

[Seja feita a tua vontade, assim na terra como no
céu. [O pó nosso de cada dia nos dá hoje...

O SENHOR (*interrompendo enternecidíssimo*) - Toma lá, meu
filho. [Afinal, tu és pó e em pó te converterás! ³¹

Em sua trajetória crítica, Bandeira reconhece que em literatura a poesia está nas palavras, se faz com palavras e não com idéias e sentimentos, muito embora seja pela força do sentimento ou pela tensão do espírito que acodem ao poeta as combinações de palavras onde há carga de poesia. ³² De um seu contemporâneo, o não menos eminente João Cabral de Melo Neto (1920-1999), recortamos uma verdadeira ode ao ácido acetil salicílico.

NUM MONUMENTO À

ASPIRINA Claramente: o mais

prático dos sóis,

o sol de um comprimido de

aspirina: de emprego fácil,

portátil e barato, compacto de sol

na lápide sucinta. Principalmente

porque, sol artificial, que nada

limita a funcionar de dia, que a

noite não expulsa, cada noite, sol

isento das leis da meteorologia,

a toda hora em que se necessita

dele levanta e vem (sempre num

claro dia): acende, para secar a

aniagem da alma, quará-la, em

linhos de um meio-dia.

Convergem: a aparência e os

efeitos da lente do comprimido

de aspirina:

o acabamento esmerado desse cristal,
polido a esmeril e repolido a lima,

³¹ BANDEIRA. Estrela da Tarde. In: _____. *Poesia Completa e Prosa* (1967), p.457-458.

³² BANDEIRA, Manuel, Itinerário de Pasárgada. In: _____. *Poesia Completa e Prosa* (1967), p.49.

prefigura o clima onde ele faz
viver e o cartesiano de tudo
nesse clima. De outro lado,
porque lente interna, de uso
interno, por detrás da retina,
não serve exclusivamente para o
olho a lente, ou o comprimido de
aspirina: ela reenfoca, para o
corpo inteiro,
o borroso de ao redor, e o reafina.³³

Em solo baiano, em gerações posteriores às de Manuel Bandeira e de João Cabral de Melo Neto, encontramos um leque bastante considerável de criações poéticas em que a droga faz aparecimento, e em que, parafraseando Jamil Haddad, bem poderíamos avistar uma espécie de técnica da estupefação.³⁴ Com isso, queremos assinalar que o valor estupefaciente da palavra na poesia repousa menos no recurso à nomeação da substância, do que na sua dimensão significativa, elemento plástico, sonoro e musical, matéria indispensável à arte poética.

Entre os poetas que selecionamos para esta amostra estão Fernando da Rocha Peres, Maria da Conceição Paranhos e Antônio Risério, pertencentes às gerações de 50, 60 e 70, respectivamente.

MR. LEXO-TAN

Não és mitológico
duende ou personagem
de HQ
em águas cálidas
habitante, mas percorres
a via exata
ao cérebro denso de
nuvens e chuvas e mais
frio.

Rosa e verde

³³ MELO NETO. *A Educação pela Pedra* (1966), p.90-91.

³⁴ No Prefácio a BAUDELAIRE. *As Flores do Mal* (1958), Jamil Almansur Haddad comenta, a propósito da literatura barroca, a presença de um certo dandismo “baudelairiano”, como uma técnica da estupefação, a que se chega pela fuga do rotineiro, do possível, do paradoxo.

em
miligramas,
instilas a pax
no corpo tenso e latente.
No sangue penetras
mágico vampiro ao
revés, com o seu torpor
saudável
e moderno e
sobrehumano. Permites
aceitar a vida
e seu descontínuo humor
ao fluir da diária ingestão;
máxima viagem
consentida entre os
ponteiros de um dia. Verde
e rosa
em círculos
sutis crias a lux
na alma sonâmbula e
frágil. És diabólico e
celeste;
de precipício e
horizonte que retira e
repõe
(sucessivamente)
as cavernas e o mar,
da paisagem replicante.
Vem o sono e apascenta o nada!³⁵

DROGAS

o inferno
esfervilha
em taças

de
maravilha ³⁶

³⁵ PERES. Mr. Lexo-Tan e outros poemas (1996), p.21.

³⁶ RISÉRIO. Fetiche (1996), p.59.

LACUNAS

Mensagens ouvidas recorrem,
vindas de um tempo
antecedente,
de um espaço que sabemos
mágico, onde há ingresso e
pernoite:
acordar com tais signos no
corpo, impressos (não há água
que os lave)
e o encantamento instalado em cada dia.

Tantas senhas passadas aos
sussurros, hieróglifos candentes,
alta noite,
e toda palavra tão desconhecida.
Cegos narram os tempos futuros,
mudos cantam canções nunca
ouvidas, e os poetas percorrendo os
espaços plenos de hóstias e negra
magia.

Onde encontrar o rosto do amado
meio aos sossobros da vida em
agonia, próteses e nervos
acalmados
por tranquilizantes?

Diazepan surte incríveis
efeitos. Fluoxetina, puro sal-
gema, atenua os dias de Lítio
e Trialozam — emissário da
morte, inimigo dos sonhos,
pesadelos.

O cheiro cálido da marijuana
não apascenta a sede de
dormir, os efeitos histéricos
da heroína
resultam em tédio, dores de cabeça,

vãos noturnos em ácido
lisérgico e o bloco de haxixe
nas mucosas, não.

Não precisa: arder, como as rosas.
Cultivar o desejo de dormir e
sonhar. E a visão da tua vinda.³⁷

Da carta ao poema, do ensaio à lírica, do ano de 1500 aos nossos dias, faz-se presente o elemento que subtrai o sentido do dito ao leitor, atraindo-o para aquela região em que o sujeito não sabe que sabe, fascinando-o e seduzindo-o, enfim. Esta é a droga que impele à poesia, à hybris sem substância, ao êxtase sem ecstasy. Parafraseando Caminha, assim a tomamos, por assim o desejarmos.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BANDEIRA, Manuel. *Poesia Completa e Prosa*. Rio de Janeiro: Cia. José Aguilar Editora, 1967, 814p.

BANDEIRA, Manuel. *Poesia do Brasil*. Rio de Janeiro: Editora do Autor, 1963, 524p.

BAUDELAIRE, Charles. *As Flores do Mal*. Tradução, prefácio e notas de Jamil Almansur Haddad. São Paulo: Difusão Européia do Livro, 1958, 357p.

CAMINHA, Pero Vaz de. Carta. In: PEREIRA, Paulo Roberto (Org.). *Os Três Únicos Testemunhos do Descobrimento do Brasil*. Rio de Janeiro: Lacerda Ed., 1999, 107p.

CASTOLDI, Alberto. *El texto drogado; dos siglos de droga y literatura*. Traducido del italiano por Francisco Martín. Madrid: Anaya & Mario Muchnik, 1997, 280p.

DE QUINCEY, Thomas. *Confissões de um comedor de ópio*. Tradução de Ibañez Filho. Porto Alegre: L&PM, 2002, 146p.

MATOS E GUERRA, Gregório de. *Crônica do Viver Baiano Seiscentista*. Org. James Amado. Salvador, BA: Editora Janaína Ltda, 1969, 7 vols.

MELO NETO, João Cabral de. *A Educação pela Pedra*. Rio de Janeiro: Editora do Autor, 1966, 111p.

³⁷ PARANHOS. Rastro das Origens. In: _____. *As Esporas do Tempo* (1996), p.30-31.

MOTTA, Véra Dantas de Sousa. *Literatura e Drogas: um projeto educacional*. Apresentado ao Departamento de Educação do Campus I, Salvador, em 1999. Inédito.

PARANHOS, Maria da Conceição Paranhos. *As Esporas do Tempo*. Salvador: Fundação Casa de Jorge Amado; COPENE, 1996, 134p.

PERES, Fernando da Rocha. *Mr: Lexo-Tan e outros poemas*. Salvador: Fundação Casa de Jorge Amado; COPENE, 1996, 111p.

PICCHIO, Luciana Stegagno. *História da Literatura Brasileira*. Rio de Janeiro: Editora Nova Aguilar S.A., 1997, 743p.

PRADO COELHO, Jacinto do. *Dicionário de Literatura*. Porto: Figueirinhas; Rio de Janeiro: Cia. José Aguilar Editora, 1973. 3v., 1526p.

RISÉRIO, Antônio. *Fetiche*. Salvador: Fundação Casa de Jorge Amado; COPENE, 1996, 111p.

* Texto apresentado no Seminário *Drogas, Cultura e Arte* como parte das atividades comemorativas dos 20 anos do CETAD/UFBA, a 04 de novembro de 2005.